

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTISTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GARCIA

Redacção, Administra-
ção e Officinas de
Composição e Im-
pressão
Rua Formosa, 43-ETISSON



A CANTORA ALICE VALLANDRI, DA OPERA COMICA DE PARIS

Assinatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno 45800 réis
 - semestre 25400 "
 - trimestre 15200 "

Assinatura conjunta do "Seculo", "Supplemento Humoristico do Seculo" e da "Ilustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno 65000 réis
 - semestre 45000 "
 - trimestre 25000 "
 - mez (em Lisboa) 700 "



Melo seculo de successo ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

Grande intensidade luminosa • Excelente alcance • Estabilidade

PARA

Viagem, Sport, Caça

Peçam-se prospectos T 89.

A' venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:

CARL ZEISS - Iena (Alemanha)
 Leiria, Frankfurt a. M., Hamburgo, Vienna, Londres, St. Petersburg.

Nouveau Parfum VIOLET
 29, B^e DES ITALIENS - PARIS

PRINCIA

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL ANEMIA CÔRES PALLIDAS CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO

Elixir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no Deposito Geral, CUREL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1^o LISBOA 1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal. PLOLLE, nus^o, 2, Faub^e S-Denis, PARIS

DISPONIVEL

HEMORRHOIDAS

CURAM-SE COM OS

SUPPOSITORIES

ADRENO-STYPTICS MIDY

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da calvidade e todas as afecções do couro cabeludo.

L. DEQUEANT Pharmacien 38, Rue Cl. Grenouillet, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem se deseja direzir para todas as informaçoes gratuitas.

A' VENDA EM TODAS AS BUAS CASAS DO PORTUGAL.



PARFUM POMPEIA

L. T. PIVER PARIS

A SEDA SUISSA É A MELHOR!

Peçam as amostras das nossas novidades em preto, branco ou cor, Eolienne, Cachemire, Shantung, Duchesse, Drapé de Chine, Côtelé, Messaline, Mous-seline, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, blusas, etc., assim como as blusas e vestidos bordados em haptiste, 18, toile e seda.

Vendem-se as nossas sedas garantidas solidas directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.

Schweizer & C.^o
 Lucerne E. 12. (Suisse)

Exportação de Sedas Fornecedora da Corte Real

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Major (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escripatorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
 Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado — Porto, Prado
 Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização ..	266.400\$000
Réis ..	950.310\$000

A REVINDICTA AOS TUMULTOS DE BARCELONA. A HESPAHANHA INAUGURA O TERRORISMO OFFICIAL.

Durante o mez de julho, depois que o governo hespanhol resolveu a campanha mortifera do Rif com o pretexto de infligir o castigo sanguinolento da guerra às tribus turbulentas que haviam desacatado o prestigio da Hespanha impedindo os trabalhos da linha ferrea de uma exploração mineira, em Barcelona, como



1—Francisco Ferrer, retrato do gabinete anthropometrico do Carcere Modelo de Madrid, tirado por occasião da primeira detenção do propagandista do ensino racional.—(Cliché de CH. DELJUS) 2—Ferrer, absolvido no processo por cumplicidade no attentado Morral, sahindo do Palacio da Justiça, em Madrid.—(Cliché de R. BLANCO) 3—Ferrer descendo do carro cellular. (Cliché de BLANCO)



protesto
contra a
chamada dos
reservistas às fi-
leiras, rebenta-
ram tumultos
desordenados.
Durante quatro
dias, Barcelona
pertenceu aos
amotinados; e
só ao quinto dia
o exercito e a
policia logra-
ram dominar a
revolta desvai-
rada, que se
desflagrara uni-
camente contra
as instituições
clericales. Sin-
gular revolução
foi esta! A que
designios, em
nome de que
doutrina ou re-
presalia, obede-
cia um movi-
mento revolu-
cionario que se
caracterisava

pelo furor anti-clerical; que poupava das suas iras tudo quanto pôde seduzir a gula dos pobres; que não assaltava os bancos onde se amontoa o ouro, as ourivesarias onde se guardam as joias, os armazens onde se empilham os mantimentos; e que durante a sua tempestuosa tyrannia só voltou contra os conventos e os templos as suas fúrias destruidoras?

Sejam quaes forem os pormenores a intercallar

na explicação historica do facto, a synthese de uma resposta a essa interrogação terá de ser *que o clericalismo representou na Hespanha uma oppressão social e politica, provocadora inconsciente d'esta reacção delirante.*

O poder politico do clero não serve à Egreja nem aos povos. Foram sempre funestos os excessos do poder ecclesiastico. As in-
quisições,



1—Um dos ultimos retratos de Francisco Ferrer, tirado pouco antes dos tumultos de Barcelona. 2—Francisco Ferrer e Soledad Villafrañca (Cliché de E. BIANCO) 3—Croquis tirado durante o conselho de guerra que condemnou à morte Francisco Ferrer (Cliché de E. BIANCO)



as expulsões de judeus, as carnificinas dos huguenotes são horrores que só abateram sobre os paizes catholicos, onde a politica perverteu a missão pacifica da Egreja.

iniquidade monstruosa que representa a execução de um innocente. Mas em todos os tempos a *Razão do Estado* encontrou tribunaes de verdugos para julgar sem provas e condemnar sem piedade. Ha noventa annos, sacrificado a essa mesma intolerancia, que se diz ter victimado Ferrer, o carrasco garrotou na explanada de S. Julião da Barra o heroico Gomes Freire, grão-mestre da maçonaria portugueza.

Infelizmente não estamos limpos de maculas para inactivar o homicidio odioso de Montjuich...

O reapprimento de uma lucta contra a Egreja no seculo xx projecta-nos a duzentos annos, pelo menos, no preterito. E' um archaismo.

Bem bastam os inevitaveis conflictos sociaes que embarçam em toda a civilisação moderna a acção do Estado, para ainda lhes accrescentar, como em Hespanha, o obsoleto conflicto reaccionario!

Como respondeu o governo ao terrorismo das turbas anti-clericaes? Decretando o terrorismo official. Os desordes tinham apenas conseguido, com os seus desvarios, produzir uma revolta sem repercussão. O Estado conseguiu mais:—provocar uma revolta da consciencia universal.

Ferrer era a incarnação doutrinar da anti-clericalismo. Ferrer era, muito mais do que o inimigo do Estado, o inimigo do catholicismo. Fuzilando-o, o governo hespanhol pretendeu executar a ideia de que elle era o apostolo, e sacrificou-o em holocausto ao clericalismo ultrajado pelo povo de Barcelona? Foi um innocente que o governo mandou executar?

Podem as almas candidas recusarem-se a acreditar na



1—Trinidad Ferrer. 2—Paz Ferrer. 3—Soledad Villafranca sendo do governo civil de Barcelona, aonde fôra chamada para d'pôr sobre os acontecimentos de julho, antes de ser desterrada

COMO SE CASA EM PARIS

Os velhos usos nupciaes, como em geral quantos se relacionam com a constituição da familia, são os que mais tem resistido por toda a parte contra a invasão do progresso. E' sabido que as superstições e a maior parte dos costumes e crenças populares representam, no fundo, restos de uma phase social atrasada, que, reagindo contra todas as tentativas de assimilação, se prolongaram até á nossa epocha em virtude da lei da «persistencia», e é claro que sendo a familia um phenomeno basililar da organização de qualquer sociedade humana, os usos que tinham com ella ligação foram os que mais profundamente se enraizaram e ficaram.



E' assim que ainda hoje, por exemplo, em diversos paizes civilizados, é facil descreminar, nas cerimoniaes do casamento popular, caracteristicos vestigios sobreviventes do periodo em que a mulher era adquirida pelo rapto ou pela compra. Quasi todos esses usos perdem-se naturalmente, com o tempo, o seu sentido primitivo, mas a sua intenção não deixa de transparecer de um modo flagrante aos olhos de um observador medianamente atento. E não



1.—Os noivos tem o maior empenho em exhibirem-se. O passeio, depois do casamento, é obrigado. 2.—Um retrato nupcial é da praxe: Os noivos descem por um instante para se photographarem

deve supôr-se que é apenas nos recantos provincianos, que o pequeno numero de communicações retrae á influencia activa da civilisação, que semelhantes revivescencias occorrem. Ao contrario, em toda a Europa sceptica e indifferente, conservam-se os mesmos usos, do mesmo modo que floresce ainda a crença nas bruxas, nos lobis-homens, em quasi todas as su-



elle modernamente se re-verte.

Offerecemos hoje aos nossos leitores uma prova curiosa da these que deixamos exposta com a apresentação da interessante serie de photographias que reproduz varios aspectos da celebração de umas bodas em Paris, e mostram como os francezes, e em especial os parisienses, mantem, nos seus usos nupcias, os costumes dos

perstições medievas. A's vezes acontece, mesmo, ser nas grandes cidades, onde o progresso material mais se accentua, que o amor do sobrenatural empolga de preferencia os espiritos, sob as formas, menos grosseiras de certo, mas egualmente insubistentes, de que



- 1—Derreados, cheios de sono, os noivos esperam o omnibus que finalmente os levará a casa...
- 2—Os exotismos de Paris: Um casamento em gericos...
- 3—Um passeio predilecto dos noivos é o jardim da Acclimação o Jardim Zoologico de Paris.



seus antepassados, com a maior tenacidade. De ha um seculo para cá, pelo menos, a forma de realizar o casamento não soffreu a minima alteração, e o estrangeiro que por acaso assista a uma d'essas festas da vida intima da familia na grande cidade que se considera a capital da civilização e a precursora de todos os progressos, não pôde deixar de ficar bastante surprehendido com o espectáculo inesperado, que de começo os seus olhos se recusam talvez a acreditar. Os noivos, acompanhados pelos convidados, vão para a *mairie* e depois para a igreja em *char-à-bancs*, ou em trens descobertos, quando as suas posses lh'o permitem, e cumpridas as formalidades civis e religiosas, satisfeita a praxe de irem photographar-se, partem pa-

baile ao ar livre, o qual só termina á noite. Todos os convidados se enfeitam para a circumstancia com fitas e rosetas e decorações de papel, que vendedores especiaes oferecem sempre á porta da



- 1 — São vulgares os cortejos nupciaes em genericos, nos suburbios de Paris.
- 2 — Um casamento a caminho do Bosque de Bolonha.
- 3 — No Bosque de Bolonha: Um beijo por conta.
(Clichés de CH. DRELIUS)

mairie e da igreja. E não ha casamento que se realíse em Paris sem esse passeio, e sem o baile consagrado, que guarda uns vestigios dos fingidos combates com que ainda em alguns pontos se solemnizam os desposorios populares e re-presentam a forma dissolvida das luctas empenhadas para obter a posse da noiva entre os povos primitivos.

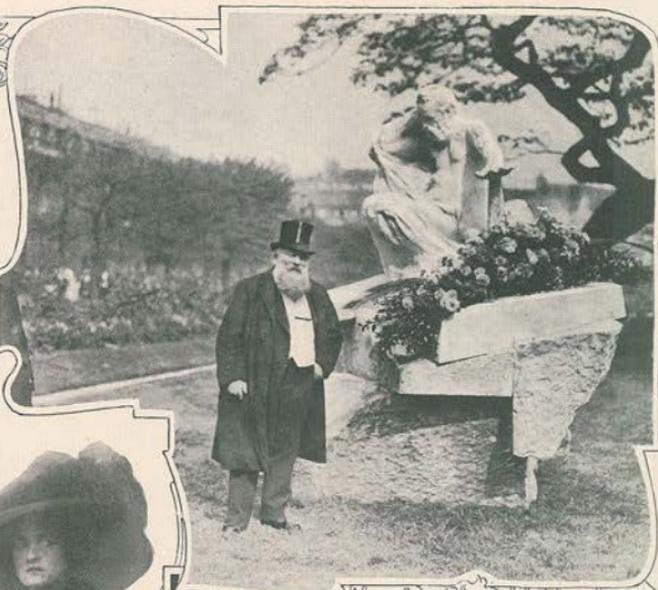
Estamos certos de que os leitores da *Illustração Portuguesa* não deixarão de achar interessantes os documentos que lhes offerecemos, tão fundamental é a differença que o casamento apresenta em Paris, na forma por que se celebra, e nas festas que o acompanham, comparado com a maneira por que se realisa e solemnisa em Portugal.



ra qualquer sitio dos arredores de Paris, onde se realisa um agape entusiastico, que é seguido de animado

LÁ POR FÓRA

A ESTATUA DE VICTOR HUGO. — Foi finalmente inaugurada no jardim do Palais Royal, em Paris, a estatua tão discutida do escultor Rodin, em que o poeta genial da «Lenda dos Seculos», desembaraçado de todos os attributos do traje contemporaneo, apparece como um Homero, apenas revestido de uma toga solemne, na attitude pensativa de um inspirado. Do monumento desprende-se um ar de grandiosidade serena. Rodin, mais uma vez, produziu uma d'essas obras primas immortaes em que é tão fecunda a sua arte e a que a alliança da rudeza e do espiritualismo dá uma originalidade inconfundivel.



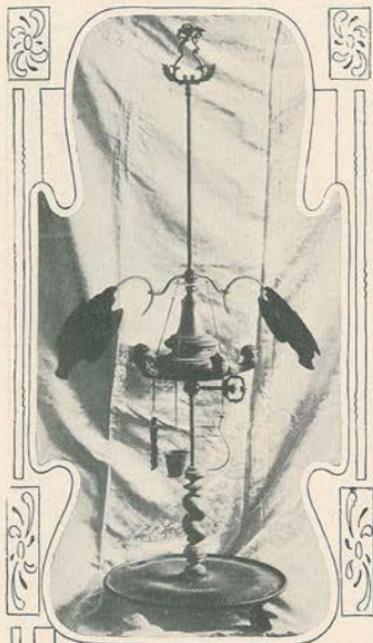
—A estatua de Victor Hugo, de Rodin, inaugurada no jardim do Palais Royal.

—A moda do outomno no concurso de Aviação de Paris.

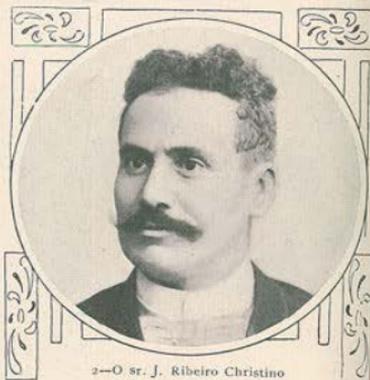


A MODA DO OUTOMNO.

—A semana de aviação de Paris, em Juvisy, não foi apenas um novo triumpho para o prologo já gloriozo da aviação aerea. Serviu á parisiense para exhibir os figurinos definitivos da nova estação, que o capricho tyrannico dos grandes *costureiros* impõe á elegancia feminina da Europa e da America. A nossa gravura representa um dos mais sensacionaes modelos entre os que appareceram nas tribunas do aeroplano de Juvisy. Não pode negar-se que a moda, sem por completo se despedir do estylo Imperio, antes inspirando-se n'elle, se obstina em procurar obter no vestuario da mulher um prodigioso requinte de extotismo.



UMA OBRA DE ARTE. — N'um conhecido *bric-à-brac* appareceu á venda um magnifico exemplar de candieiro de azeite do seculo XVII, cuja proveniencia parece ser de um paço real, talvez o de Villa Viçosa e cuja aquisição pelo museu das Janellas Verdes se impunha. Adquiriu-o um estrangeiro por 120\$000 réis.



2—O sr. J. Ribeiro Christino

J. RIBEIRO CHRISTINO. — N'uma edição da *Bibliotheca de Instrução Profissional*, illustrada com numerosissimas gravuras, acaba de publicar o distincto artista e professor de desenho da Escola Industrial de Alcantara uma *Historia da Arte*, que abrange todos os elementos de apreciação na evolução artistica da humanidade, desde as civilizações classicas até aos nossos dias. Vem esta obra preencher uma sensivel lacuna na pedagogia artistica, em Portugal, onde não existia um compendio d'esta importancia, redigido com a competencia e illustrado com a abundancia documentaria d'este livro por todos os titulos notavel.



1—Uma obra d'arte.

3—Uma das scenas da *Questão dos Venenos*, drama de V. Sardon, em scena no theatro Principe Real

A MONTANHA SAGRADA DE NIKKO

A natureza, no Japão, é um livro, em cada página do qual se deveria escrever: bello! admiravel! prodigioso! Tal é a paizagem impressionante que o *touriste* observa ao atravessar os seus verdejantes campos, ao subir ao cume das suas montanhas. umas vezes cobertas de gelos, outras vezes ornadas d'uma vegetação possante e cerrada, que fascina todos aquelles que a contemplam. As impressões fornecidas por essa variogada paizagem são muitas, e não ha *touriste* nenhum que, ao desembarcar pela primeira vez n'aquelle bello paiz, não tenha no seu *carnet* de viagem a indicação de uma digressão a Nikko, de todas a mais impressiva, tal é o grandioso e imponente espectáculo que ali vae presenciar.

Não quizemos perder o ensejo de vêr essa necropole japoneza, e, avidos de impressões, preparámo-nos tambem para essa digressão, que ficará para sempre gravada na nossa memoria.



1—Habitação da sacerdotiza do templo de Yeyas
2—Tokaido, a avenida de cryptomerias medindo 8 leguas de extensão

se vae occupar, mostrando tores um pallido reflexo do n'aquelle logar sagrado, vasto repositorio de tudo o que o Japão conserva de mais digno de respeito — os restos mortaes de seus heroes.

Por uma esplendida manhã do mez d'agosto, sahimos da estação do Uyeno, em caminho de ferro, para Utsonomyia, atravessando uma planicie de verdejantes arrosaes, ornada de *bouquets* de frondosas arvores, semeada de grandes e pequenas aldeias, que dois ou tres rios cortam em graciosos zig-zags, sumindo-se por entre tufos de verdura, cuidadosamente tratados.

De Utsonomyia a Nikko a paizagem muda d'aspecto por completo. Ali já não ha campos verdejantes, mas elevadas montanhas, cujo perfil sinuoso, que se divisava ao longe, nos apparece como que snbitamente approximado; e é por entre essa cadeia de serras altissimas que o comboio marcha, elevando-se a 600 metros acima do nivel do mar, até chegar á estação terminus—Imaishi.

Um vivo pesar nos assaltou por não ser o terminus da linha em Utsonomyia. Teriamos então o ensejo de fazer a viagem em *jerinkshá*, como outr'ora se fazia, seguindo o antigo caminho sagrado que conduzia a Nikko — o Tokaido — uma avenida de elevadissimas cryptomerias, cujos caules nascem de troncos tão intimamente unidos, que é difficil, se não impossivel, distinguir-se a linha de demarcação que os separa, dando a impressão de que todos elles nascem do mesmo tronco. São oito leguas de extensão d'esta imponente avenida, formando como que um tunnel de verdura, pois que os seus ramos se entrelaçam de tal modo que é impossivel a um raio de sol penetrar no seu interior.

Era por esta avenida que outr'ora passavam as procissões sollemnes que se

E' de Nikko, pois, que a *Ilustração Portuguesa* aos seus leitores existe

dirigiam á montanha sagrada de Nikko, e que hoje o caminho de ferro, seguindo mente a ella, atravessou, cortando parte d'essas gigantescas testemunhas d'um passado heroico, cujos mysterios a profanação violou para sempre!

Chegamos a Nikko. E' realmente um logar de excepcional belleza. Collocada no fundo de um valle, que desce para Omajik e que se abre para Utsonomyia, a povoação, de apparencia pobre, está rodeada de montanhas de todos os lados, e acha-se protegida por esses cumes cobertos d'uma vegetação possante e forte, que dá a este logar solitario, mas pittoresco, toda a magestade que comporta o santuario da religião d'um povo tão excessivo nas suas superstições, como aquelle no meio do qual nos achamos.

Atravessa a povoação uma corrente d'agua limpida — o Dayagawa, — cujas margens, quasi perpendiculares, se elevam a grande altura. E' atravessada por duas pontes muito proximas uma da outra: uma para uso commun dos mortaes; outra formando uma curva graciosa, reservada para os heroes do Japão que por ali passavam ou em reverente peregrinação aquelle logar sagrado, ou quando iam dormir n'aquella solitaria mansão o seu somno eterno.

E' a *Ponte Sagrada* de Nikko. De madeira acharada de vermelho; os postes e travessas com as extremidades douradas e o pavimento extremamente polido, vedada por duas cancellas tambem de



A fachada principal do templo de Eaimitsu



A ponte sagrada de Nikko, cuja passagem
é privativa do Imperador



charão, merece realmente a fama de que anda rodeada e a lenda que lhe deu o prestigioso renome.

Veamos a lenda: Quando o santo Lhodo-Shomin chegou a este lugar com os seus discipulos para a sua visita a Nikko, encontrou um precipicio tão profundo, com uma corrente de agua tão impetuosa, que lhe tornou impossivel a passagem. De joelhos, dirigiu a Budha uma ardente supplica, pedindo-lhe que viesse em seu auxilio. Apenas tinha acabado viu na margem opposta o deus Shin-sha-Daio tendo na mão duas grandes serpentes, uma vermelha e outra verde, que, desenroscando-se por sobre o *Dayagawa*, formaram uma ponte de curvatura tão graciosa, que parecia um arco-iris dominando o abysmo. Duvidando a principio do milagre, depressa se convenceu d'elle, quando viu a ponte cobrir-se de espessa e verde relva, facilitando-lhe a passagem

a elle e aos seus discipulos. Passou, e quando quiz prostrar-se deante da divindade, esta tinha desaparecido. A intervenção divina n'este extranho caso tornou-a reverenciada até hoje, sendo só permittido ao Mikado passar por ella, quando vae fazer a sua visita áquelle logar sagrado. A seguir á ponte, entra-se n'uma avenida magnificente-



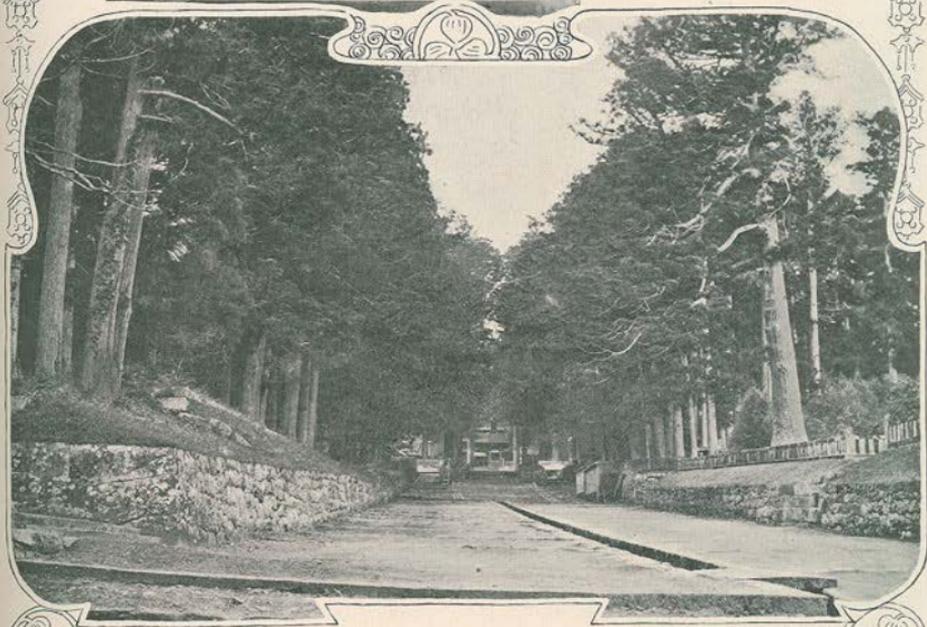
1—A entrada do Pantheon de Torá
2—Outro aspecto da gigantesca avenida de Tokaido, que conduz a Nikko

mente imponente e larga, que conduz á entrada do mais colossal Pantheon que é possível imaginar-se. Uma porta gigantesca dá accesso á necropole. E' o *torú*, especie de porta triumphal, marcao do caminho que conduz aos templos ou logares sagrados. Tem a forma d'um H, com as hastes lateraes um pouco inclinadas para a parte supe-

rior e a haste transversal levemente recurvada nas extremidades. E' de granito, havendo-os tambem de madeira acharoadada e de bronze. Para além do *torú*, duas fileiras de *cryptomeris* altissimos, ladeando uma larga escadaria de tres lanços, vão dar ao templo.

Este é uma ampla construção de madeira acharoadada, de tectos recurvados e esguios, d'uma elegancia que encanta. Um bonzo de vestes amarellas nos recebe e nos conduz ao templo, mostrando-nos aqui as dependencias occupadas pelos *shoguns*, ali o santuario, perante o qual se ajoelhava para fazer as suas orações, acolá a bibliotheca, mais além o thesouro. Este é um receptaculo de sabres authenticos, de laminas da mais fina tempera, de banhas ricamente marchetadas e acharoadas e de punhos artisticamente cinzelados, cheios d'incrustações d'ouro e prata. Quadros riquissimos de seda bordada e de charões representando assumptos guerreiros pendem das suas paredes. Todos elles teem a sua historia, ou pelos desenhos que representam, ou como offertas dos *shoguns* e *daimios*.

Externamente os rendilhados das faces lateraes do templo, os seus andares de angulos recurvados, a sua esguia cubula, dão a todo o conjuncto um encanto que jáms esquecerá.



1.—Fachada principal do templo de Yeyas. 2.—Avenida de accesso ao pantheon de Torú

estão as diversas dependências de falar: aqui o acabamento para as abluções, ali a galeria de lanternas colossaes de pedra ou de bronze, acolá um kiosque com o sino gigantesco cheio de delicados desenhos e inscrições; mais além, o estabulo que serve de habitação a um cavallo branco, que ali passa os tristes dias e ao qual só uma vez por anno é permitido sahir d'aquella prisão.

Em outra prisão (chamemos-lhe assim), a sacerdotiza, vestida de branco, cor de pergaminho, um esqueleto coberto com a pelle enrugada, com os olhos cravados na esteira, onde está acorçada, espera o obolo do peregrino que a observa da grade. Ao lançar-lhe algumas moedas de cobre ou nickel na esteira, levanta-se em attitude mystica, e executa uma dança ao som d'uma musica extranha—uma varinha cheia de guisos, que empunha em uma das mãos e na

Um templo não consta só do edificio, onde

dências de que poço ou cisterna a galeria de lanternas colossaes de pedra ou de bronze, acolá um kiosque com o sino gigantesco cheio de delicados desenhos e inscrições; mais além, o estabulo que serve de habitação a um cavallo branco, que ali passa os tristes dias e ao qual só uma vez por anno é permitido sahir d'aquella

umas columnas de bronze de formas extranhas bastante

— Que signi ficam estas columnas? perguntámos ao bonzo que nos acompanhava. — Guardam as orelhas dos soldados coreanos, mortos pelos japonezes quando subjugaram a Corea!

elevadas.

— Que signi ficam estas columnas? perguntámos ao bonzo que nos acompanhava.

— Guardam as orelhas dos soldados coreanos, mortos pelos japonezes quando subjugaram a Corea!

Acompanhe-me, leitor, ao templo de Yeyas, na encosta da santa montanha, escondido debaixo d'uma floresta colosal, onde, sob a direcção de Zingoro, os artistas japonezes deram largo curso á sua phantasia, fabricando um templo—um verdadeiro museu d'arte, que excede os sonhos encantados das *Mil e Uma Noites*.

Admire, não as riquezas do seu thesouro, mas o sentimento d'um esforço extraordinario de trabalho artistico, cheio de graça, de finura e de espirito, e d'uma inaudita paciencia e de cuidados incrivelmente minuciosos. E' um templo



Outra fachada do templo de Yeyas

outra um leque. Acabada a dança, senta-se sem o mais leve movimento de enfado, com os olhos novamente cravados no chão, e assim permanece até á chegada de novo peregrino, para recommençar a mesma scena.

A partir d'este jardim,—porque no Japão um templo é um jardim—outras escadarias, outras avenidas de pinheiros esguios se dirigem em todos os sentidos, indo dar a outros templos, tumulos, cisternas e mil outras dependências do culto sagrado. E' um nunca acabar, e podem calcular o numero d'elles e o espaço que occupam pelo tempo que o *touriste* gasta a percorrel-os: em dois dias, de sol a sol, difficilmente se visitam todos.

Em frente d'alguns, levantavam-se

tão sumptuosos, tão vasto e tão intensamente impressionante que cada detalhe, á vista da sua perfeição, mereceria um estudo especial.

Entrando nos jardins que o rodeiam, depara-se com a fachada principal do santuario, que é tão sumptuosa, tão elegante, d'uma pujança de rendilhados taes que não se descreve. Vê-se, admira-se, e o leitor ampliando na sua imaginação a pequena photographia d'ella terá uma leve impressão do que são a paciencia, o trabalho e as faculdades inventivas do artista japonez que a delineou e a executou.

Depois os pateos succedem-se aos pateos; os porticos aos porticos, os recintos aos recintos; e cada recinto e cada portico constitue de per si um specimen de maravilhas imprevistas. Os pateos estão peçados de edificios annexos

das mais estranhas formas; kiosques elegantes; cisternas debaixo de tectos sumptuosos; lanternas colossaes; queima-perfumes ricamente modelados, aguias em attitude de pillagem sobre cascatas maravilhosamente feitas, torús elegantissimos, etc.

Revestem as faces externas das paredes do sanctuario esculpturas e talhas d'uma execucao tão fina, charões tão brilhantes que deixam o observador estonteado.

Os tectos de angulos recurvados e ponteagudos, as platibandas, os bronzes e os dourados que os adornam, revelam um luxo d'architectura, obedecendo ao estilo mais puro, que jamais se pôdem descrever. As faces das paredes internas, encobrem-nas estofos riquissimos, quadros de charão com incrustações d'ouro, kakemonos com desenhos artisticamente feitos, revelando uma riqueza digna do heroe que o mandou erigir.

Eu nunca vi nada que se parecesse com este logar. Como o silencio é profundo! Que dôce tristeza! Que encanto ineffavel n'este quadro magestoso da religião!

N'este logar, ermo e solitario, longe de todos os ruidos do mundo, debaixo d'essa gigantesca vegetação secular, estão as moradas eternas dos heroes que engrandece-

ram o Japão, e os templos, onde o povo, de longinquas paragens, em peregrinações constantes, os vem reverenciar.

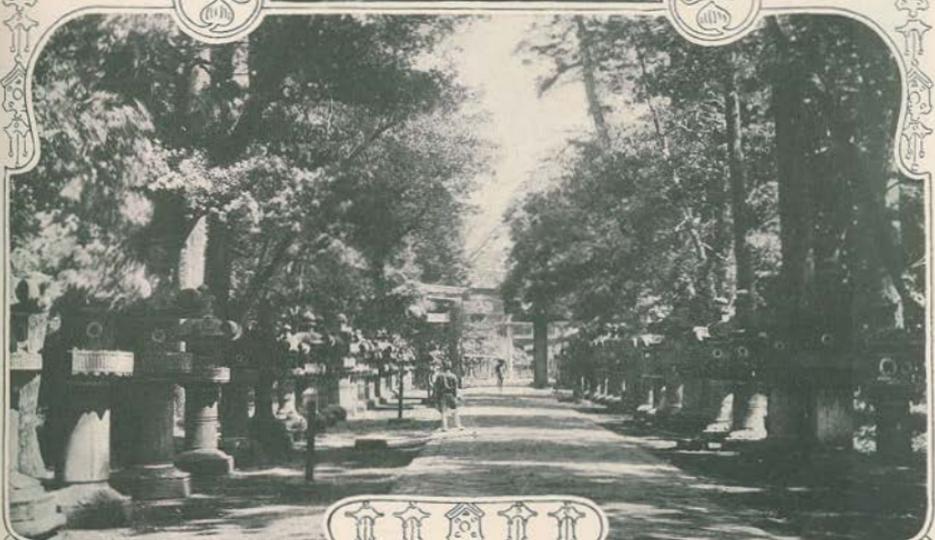
Outr'ora, o japonese, antes de embellezar a sua casa, embellezava a dos seus heroes, construindo-lhes templos e tumulos magestosos, não só para os honrar, porque tinha por elles um respeito inolvidavel, mas tambem para lhes perpetuar a sua memoria. Não se poupava a despezas, nem lhe faltava a paciencia. Não havia eminencia, não havia collina, não havia um valle que não tivesse o seu templo, magestoso ou humilde, cuidadosamente tratado. Toda a sua preocupação era aquella,

porque não tinha nem esquadras formidaveis, nem exercitos permanentes, nem milhares de funcionarios absorvendo as suas economias. Hoje tudo mudou; o dispendio com o rendimento dos seus sanctuarios monumentaes derivou para a coureira dos seus navios. E' isto o que os preocupa.

Será um bem? Será um mal?

O futuro o dirá.

DR. GONÇALVES
PEREIRA



1—Columna commemorativa da victoria contra a Coréa
2—Avenida do parque do Ueyno, ladeada de lanternas

Companhia Francaza de S. Carlos

Na sala de S. Carlos, através da temporada que em abril findou com o grandioso epílogo da *Tetralogia*, reboaram ovações como de ha muito alli se não ouviam. Já pondo de parte a animação das recitas populares, bastará lembrar o exito do *Cheminéau*, o successo da *Salomé* e o movimento de curiosidade,—trauzido em series de con-



O maestro Xavier Leroux, professor do Conservatorio de Paris



A cantora Héglon da Grande Opera de Paris na *Atlantida*

ferencias, em publicações elucidativas, na aquisição de partituras e obras de exegese e de critica, — que despertaram nos sinceros amadores de musica as recitas wagnerianas, para collocar a ultima temporada de S. Carlos entre as que mais concorreram para o prestigio da nossa scena lyrica, no decurso de todo um seculo de musica e de canto. E' de justiça pôr em relevo os serviços valiosos que á empresa de S. Carlos ficou devendo Lisboa e encarecer o arrojio com que ella cumpriu um programma de excessiva amplitude para os recursos de uma cidade pouco habituada a pagar as pesadas contribuições sumptuarias da Arte: programma que abrangia tres series de audições regidas por maestros como Leroux, Mugnone e Beidler, a montagem de sete operas novas, a representação de duas operas nacionaes, a exhibição integral, em allemão, do *Anel dos Niebelungen*.

De tantas iniciativas audaciosas, a serie de recitas francazas, como intelligente substituição da assignatura de recitas extraordinarias dos tempos Pacini, affigurou-se-nos logo de começo ser a que, a par de condições de concreta viabilidade, reunia mais numerosas garantias de exito. As audições inolvidaveis do *Cheminéau*, em que se viu a formalista plateia de



A cantora Alice Vallandri da Opera Comica, na opera *Eurdice*

S. Carlos, saturada de melodias italianas, applaudir com entusiasmo vehemente o intenso poema lyrico de Xavier Leroux, consagraram de facto a revolucionaria experiencia, que vinha demolir uma tradiçao secular. Hoje, todos os frequentadores de S. Carlos lastimariam que a empresa regressasse ao rotineiro monopolio da decadente escola italiana, privando-os da serie de opera franceza, com tao unanime successo inaugurada.

Organisada tardiamente, quando ja difficil se tornava escolher todos os elementos necessarios á interpretacao de um mais vasto repertorio, a época franceza de 1908 conseguiu ainda assim deixar uma impressao de encanto, de elegancia e de belleza que bastaria para notabilisar a sua passagem pela scena lyrica de Lisboa. Por isso o annuncio de que, á semelhança do anno passado, S. Carlos iniciaria a sua actual temporada com uma companhia lyrica franceza, dirigida por Leroux, e em que figuram a cantora Héglon, da Grande Opera de Paris, a soprano Vallandri, da Opera Comica, os tenores Gilly e Granier e o baritono Bourbon, foi recebido com o mais legitimo alvoroço. O elenco já publicado, e que comprehende oito sopranos e meio-sopranos, tres tenores e tres baixos, com um repertorio



1 — A cantora Suzanna Delrue da Opera-Comica
2 — A cantora Lucie Renaux do Grande Theatro de Lyon

quasi na totalidade inedito para Portugal, responde d'esta vez a todas as exigencias de uma interpretacao perfeita. Póde avançar-se que nunca se organisou até hoje em Paris uma companhia lyrica, destinada a cantar no estrangeiro, com taes elementos de cohesao e de merito. Sente-se que a experiencia do

anno passado fructificou. Não é já uma companhia reduzida ás exiguidades de um pequeno repertorio. E' um conjunto intelligentemente preparado para a interpretacao de um programma seleccionado, em que figuram, além do *Chemineau*, cuja audição se impunha, a *Reine Fiammette*, de Leroux, a *Thérèse* e a *Navarraise*, de Massenet, o *Fortunio*, de Messager, a *Habanera*, de Laparra, e *La Légende du Point d'Argenton*, de Fourdrain, com scenarios executados em Italia segundo as maquetas da Opera Comica, e um guarda-roupa confeccionado com figurinos de Garnier e de Bianchini.

Todos os que tiveram a fortuna de assistir ás recitas de 1908, e viram Marguerite Carré na *Manon*, Hélène Demelier no *Chemineau*, e Fély Dereyne na *Mignon*, podem avaliar o que será a proxima temporada franceza e o que ella trará de surpresas com a audição de algumas das mais bellas obras d'essa moderna escola de França, a que as versoes italianas quasi por completo arrebatam o inconfundivel caracter de clareza, de elegancia e de estylo, e de que a suggestionadora batuta de Leroux nos dará a interpretacao original e veridica.

Exigem algumas das operas que constituem o repertorio da serie ly-



3 — A cantora Jeanne Gustin da Opera-Comica



1—A cantora Lilien Grenville, do theatro da Monnaie de Bruxellas

2—O 2.º maestro Gabriel Grovlez

3—O tenor Victor Granier da Grande Opera de Paris



rica franceza scenarios e guarda-roupa dispendiosos. Certamente resolvida a manter a inclusão de uma epoca de opera franceza no programma de S. Carlos, e animada pelo exito da sua iniciativa, a empreza não hesitou em adquirir toda a *mise-en-scène* indispensavel á execução perfeita d'esses poemas lyricos; e assim S. Carlos, que de ha muito via decadente a sua hierarchia, reconquista um logar em evidencia entre as grandes scenas congengeres da Europa, sendo hoje o unico theatro que abrange a interpretação das obras musicas das duas maiores escolas de musica da raça latina, rompendo com o secular e injusto exclusivismo da produção italiana.

Ninguém ousa hoje contestar a superioridade da musica franceza sobre a musica italiana. A originalidade dos processos, a



exuberancia da inspiração, uma mais complexa sciencia de orchestração e, acima de tudo, o culto apaixonado da forma, tão característico de toda a arte gaulleza, devolveram à França a antiga supremacia musical. O successo legitimo do *Chemineau* foi em grande parte devido à surpresa de processos musicaes por completo ineditos para uma platêa que na sua maioria suppunha serem as ultimas palavras da arte os lyrismos debeis dos Mascagni, Giordano, Leoncavallo e Puccini. A vehemencia dramatica da musica de Leroux, o seu colo-



rido e a sua orchestração impressionaram os idolatras da *Fedora* e da *Tosca*. Mas não se reduziu a essa surpresa a impressão produzida pelas recitas do anno passado. Ellas demonstraram toda a meticolosa sciencia interpretativa dos cantores francezes, pondo em relevo as vantagens do ensino official dos Conservatorios, e o publico de S. Carlos deu prova do mais esclarecido senso cri-



1—O baritono Waxime Viand. 2—O tenor André Gilly
3—O baritono Lucien Rigaux
4—O baixo Henry Lequien. 5—O baritono Bourbon
no *Caminheiro*

tico consagrando com os seus applausos a exhibição d'essa requintada arte lyrica, que tudo, desde a elegancia das mulheres, a harmonia dos conjunctos e o merito litterario dos librettos, contribue para tornar cheia de seducções e de encantos.

O criterio que presidiu à proxima serie de opera franceza foi, claramente, o de revelar obras ineditas ao publico de Lisboa. Debaixo de todos os pontos de vista, n'este primeiro periodo de iniciação, era o que mais ronvinha para implantar definitivamente no publico o gosto pelo repertorio francez. Mas em futuras epochas impõe-se a recapitulação de todas as operas já conhecidas na versão italiana. Essa será a prova suprema, sobre a qual a platêa de S. Carlos poderá formular o seu *veridictum*, e que, a ninguém é já licito duvidar, representará para a empreza o triumpho decisivo da sua intelligente iniciativa.



A SEMANA DE OUTONO

EM CASCAES



GYMKHANA DE AUTOMOVÉIS



1—Os automoveis no jardim do Sporting
2, 3 e 4—A assistencia feminina
5— O sr. D. Antonio Heredia, que ganhou o primeiro premio



1—O sr. infante D. Affonso no seu automovel, com mademoiselle Maris de Guell e Bourbon, que ganhou o 1.º premio na prova do concurso para senhoras
 e 3—A assistencia nos jardins do *Sporting*. 4—O automovel «Napier» do sr. Rugeroni Garcia



1—O automovel do sr. Rodrigo Feixoto
 2—O automovel do sr. Estevão Fernandes
 3—O sr. infante D. Afonso abrindo
 a cancella de passagem



Os ultimos dias das festas sportivas de Cascaes não desmereceram em nada dos que iniciaram a sua bella semana de outomno. As provas que n'ellas se realisaram alcançaram o mesmo excellente exito e completo successo, e o entusiasmo dos amadores tambem, por si, não esfriou, nem para isso teria qualquei razão.

A *Illustração Portuguesa* continúa, conforme prometeu, offerecendo aos seus

CONCURSO HIPICO

NO ESTORIL



- 1—O alferes sr. Casal Ribeiro vencedor do primeiro premio da prova de ensaio
 - 2—Um aspecto da assistencia
 - 3—O sr. Jayme Alto Mearim saltando a sebe na sua egua *Clematite* que ganhou o primeiro premio do Grande Premio Mont'Estoril.
- (Clichés de BENOIREL)

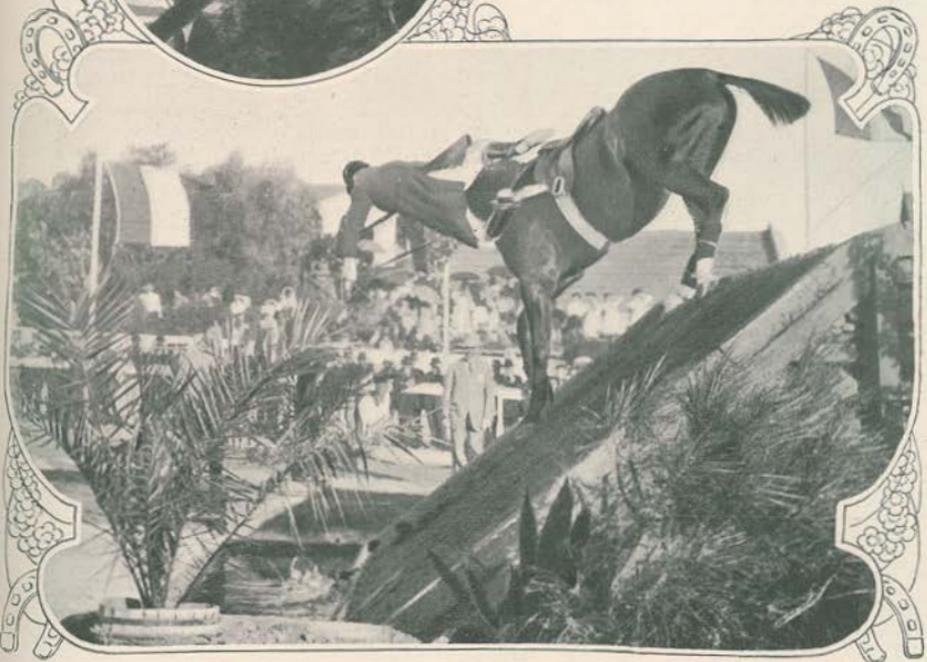
leitores uma detalhada reportagem photographica das festas de Cascaes.





1 e 5—Os dois incidentes das provas do 1.º dia do concurso hippico do Estoril 2.—O sr. Jayme Alto Mearim na sua egua *Clematis* saltando a banquetta (*Clichés de BENOILIEL*).

Entre ellas, o concurso hippico do Estoril merece destacar-se como um dos mais brilhantes numeros do programma. Oxalá Cascaes possa um dia inscrever na sua semana de outomno os concursos internacionaes como o de S. Sebastian.



NAS THERMAS DO AUVERGNE



Oh misero hoteleiro portuguez que soffres remorsos cruciantes quando, por acaso, augmentas d'oitto vintens a conta de um estrangeiro rico! Vem cá fóra visitar as nações cultas, co-

Vem, hoteleiro amigo, hoteleiro modesto, que alcançastes a fama d'exigente a pedir doze tostões por dia, em troca de casa, cama, mesa, e quasi roupa lavada! Vem, por exemplo, a este bocado da França, ao Auvergne, que os francezes patriotas classificam de pequena Suissa, porque n'elle duas importantes industrias se exploram: o gado e o estrangeiro; e tambem porque existem, mas como simples accessorios, alguns montes, meia duzia de cascatas e tres funiculares.

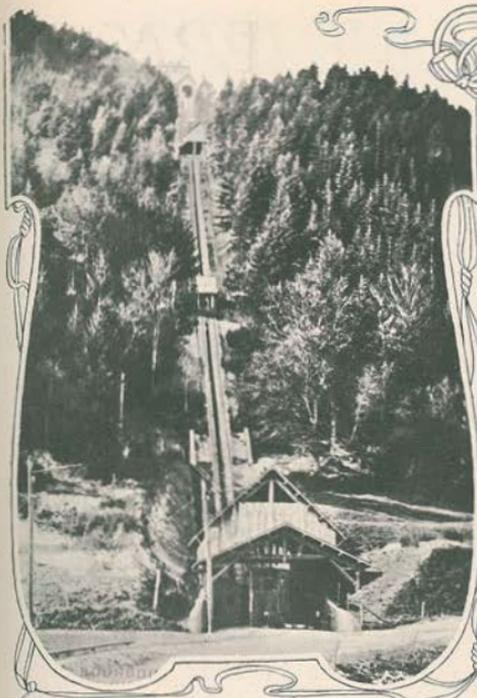


- 1—Nos carricóques da terra
- 2—O chá das cinco, no sítio de Charlaumes
- 3—La Bourboule vista do alto do Funicular
- 4—Os carros de éneo da Auvergne

Vem e verás que o teu primeiro dever, de volta á patria, á nossa querida patria, é o de visitar o teu fornecedor d'impressos e encomendar-lhe facturas de um metro de comprimento. Cáça, depois, um capitalista. Manda deitar a tua barracá abaixo. Faz uma casa moderna onde haja um *Hall* com poltronas de vime e um garoto fardado que acuda ao nome de *chasseur*. Arranja um salão vistoso e um *fumoir* confortavel e não esqueças o ascensor. Se nunca funcio-

mo se diz em S. Bento; e vem, principalmente n'este canicular mez d'agosto, aprender a tua profissão, que não é, compatriota ingenuo, como tu pensas, uma complicada arte de bem receber e guardar longo tempo os hospedes, mas unicamente o officio de esfolar as pobres victimas que o calor abafado das grandes cidades envia ás torradeiras poirentas das estações aquaticas.





sões em gericos e para *footing*. O sindicato pagará as despesas... com o dinheiro dos outros, e todos ficarão contentes. Assim acontece em toda a parte, assim succede em La Bourboule, onde escrevo estas linhas, em Mont Dore, em Poyat, em Chatel Gion, em S. Nectaire, em todas as thermas d'esta região.

La Bourboule é a principal e mais frequentada depois que o arsenico deixou de ser conhecido como simples eliminador de ratos e de velhos testadores agarrados à vida, para se condecorar com o titulo de *poderosa terapeutica* contra anemia e outras degenerescencias que affligem esta pobre humanidade do seculo xx.

Por isso, longe de ser, como Mont Dore, uma aldeia lobrega que tem ares de lavar a cara ou as ruas, uma vez por anno, para receber os banhistas, La Bourboule é uma povoação ridente, clara, como



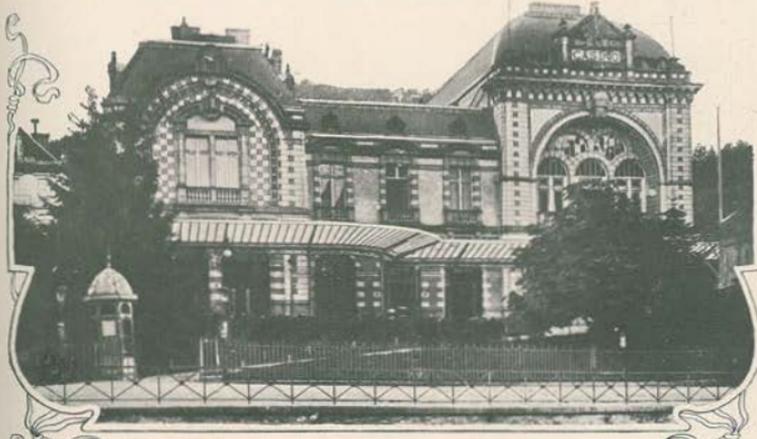
nar, não te amofines: o essencial é que elle esteja lá, ao pé da escada, e que o seu nome figure, em letras d'ouro, nos baldões do quarto andar.

Quando isso estiver realiado ganharás mundos e fundos, mas os imitadores, os concorrentes hão-de apparecer em massa; e como serão muitos e os negocios periclitirão, um syndicato se formará para construir o infallivel Casino, sustentar a orchestra, desenhar o parque, sombrear ténis, conservar as estradas e descobrir lindas vistas para excur-

que sahida do chão em um só bloco, e onde rarissima é a construção datando de mais de seis lustros.

Os hotéis *palaces* não faltam. Ha outros bons, ha-os modestos; existem, mesmo, economicas estalagens para os que tem poucos recursos.

O estabelecimento thermal é perfeito; o Casino bem collocado; e os *petits chevaux*, que, por signal, foram substituidos por uma bolla para que o jogo coirra mais



1—O Funicular para Charliannes. 2—Por esses montes acima... 3—O Casino de La Bourboule.

depressa, não arruinam ninguém.

O theatro funciona todas as noites, e quando ha eclipse d'*estrellas* parisienses, a companhia permanente representa alguma antiquada comedia de Scribe ou qualquer macrobia operetta. Os artistas da casa são pelo ecletismo em arte e se desafnam no canto babujam na declamação — o que perfaz um equilibrio perfeito.



1—O chic brasileiro: Grupo de brasileiros durante uma festa nas thermas.
2—O estabelecimento thermal da Bourboule.



to que cedeu o throno á elegancia.

Com justiça? Não sei. A verdade é que um vestido moderno *porté* com distincção, e um lindo chapéu posto com graça, dão realce a qualquer mulher que não seja positivamente um monstro; e se porventura ella tiver um bocadinho de chic, é oiro sobre azul.

E quanto a isso, ao chic, é o que não falta em La Bourboule. Ha o chic francez, o de primeira classe, o chic *hors concours*; ha o chic *sui-generis* das filhas de New-York e de Chicago; ha o chic argentino, brasileiro, austriaco... o chic cosmopolita, emfim; e por essas estradas, á hora do passeio, os olhos vivem em continua festa, tantas e tão seductoras são as *promencuses*.

A empresa do Casino organisa constantes festas, raramente brilhantes, mas sempre rendosas.

Fogos d'artificio, bailes, batallas de flores... Estas costumam ser uma marcha, a passo de carga, de carros floridos por conta dos hoteis e animados pelas hospedes mais elegantes. Digo elegantes e não bonitas, porque a soberania da belleza ha mui-



3—Panorama geral de La Bourboule.



cial, o mesmo que se encontra em todas as encruzilhadas, estende a mão, bem lavada, á generosidade estrangeira.

Depois do almoço, os que não sobem a Charlannes nem assistem ao concerto, alugam os jumentinhos ou os carriões da terra, e vão, em bandos alegres, por esses montes acima, em busca de sitios novos, d'alguma aldeia afastada, ou simplesmente gosar da frescura, da poesia que se exhala da profundidade dos bosques e do matiz verde dos campos.

Volta-se ao cair da tarde, agradavelmente cansado e a descobrir mais encantos no caminho percorrido.

O sol, eterno decorador, deu novos tons ao scenario. N'alguns pontos a solidão é completa, n'outros o quadro animouse.

N'aquelle prado deserto ao meio-dia, vê-se, agora, em todo o seu vigor, o afan do trabalho rural. Reunem uns a herba perfumada; outros comprimem os molhos que os mais fortes lançam sobre o carro em movimento. E as vaquinhas do paiz, doces, pachorrentas, colhem, ao passar, as flores campesinas.

A. D'AGUIAR.



1—A cascata do Prato de Barba.
2—A Bourboule vista do penedo das Fadas.
3—O photographo photographado, sr. Domingos Pisa (sobrinho do ministro do Brazil em Paris)

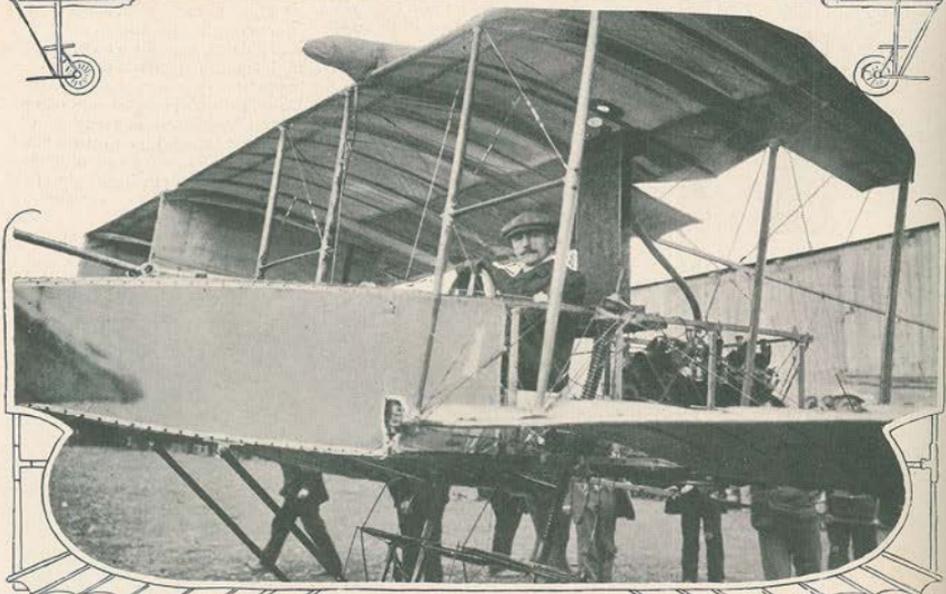
O chá das cinco, no alto de Charlannes, é, igualmente, um céu aberto onde se trepa por um franco e cincoenta, que é quanto custa o funicular.

Em cada mesa um grupo a contemplar o grupo vizinho, e, de vez em quando, a larga paizagem que se descortina do terraço.

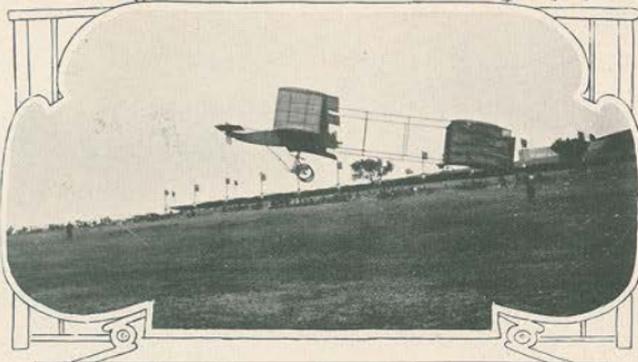
Aqui e além, parceiros de bridge trocam olhares ferozes e silenciosos. Um par, ainda joven, toma o caminho do bosque... É o mendigo offi-



A PRIMEIRA EXPERIENCIA DE AVIAÇÃO EM LISBOA



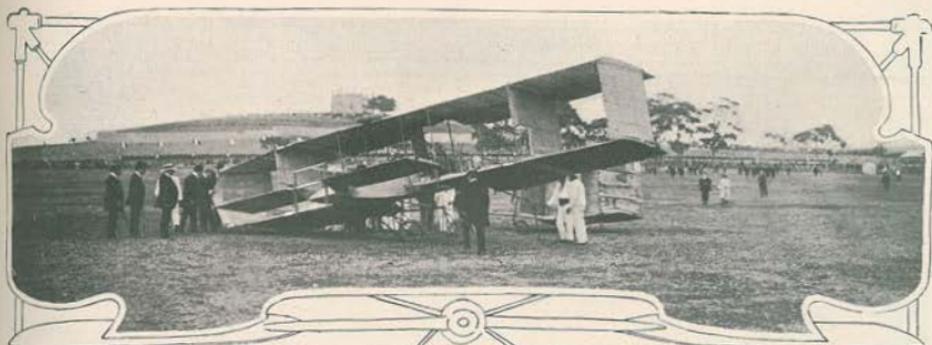
Lisboa teve finalmente ocasião de assistir já a uma experiencia de aviação, e é facil avaliar o interesse que naturalmente despertou no nosso publico esse espectáculo novo e de uma curiosidade tão actual. Foi no Hippodromo de Be-



lem, mais ou menos convenientemente adaptado para tal fim, que se realisou essa primeira experiencia com um biplano do systema Voisin, e, se o seu resultado não foi completamente satisfatorio, em consequencia do desastre que a interrompeu.



1—O aviador Armand Zipfel antes do lançamento do biplano
2—A ascensão do aeroplano. 3—O aeroplano em pleno vôo, a 8 metros de altura



tanto a saída do aparelho como a forma como planou enquanto se manteve no ar causaram uma agradável impressão no público. O biplano realizou um vôo de 180 metros de extensão, a uma altura de 8 metros. Quando o aviador sr. Armand Zipfel tentava fazer uma viragem, o aparelho caiu bruscamente e soffreu com a queda alguns prejuizos materiaes.



1—O biplano segundos depois da queda. 2—O aviador Zipfel e o seu mechanico examinando a helice avariada do aeroplano
3—O publico contemplando as avarias do aeroplano

(Clichés de RENOLJEL)

FIGURAS E FACTOS

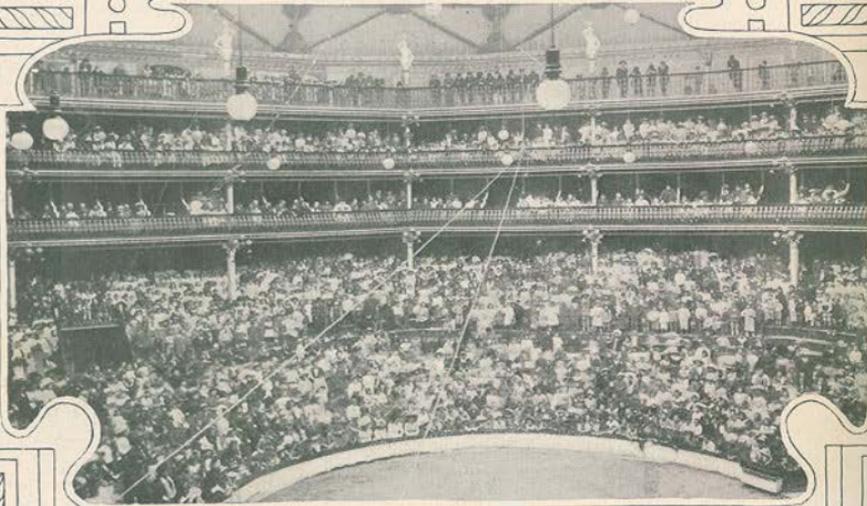


1—Os novos kiosques succursaes do *Seculo* e da *Illustração Portuguesa*, que foram inaugurados no começo d'este mez, em diversos pontos centrais da capital, e que representam um valioso melhoramento em beneficio do publico.



2—O novo lyceu Camões, no largo do Matadouro. (Visto de frente)
3—O seu aspecto lateral

A população lyceal da capital estava qe ha muito confinada em velhos pardiões, sem ar, sem luz, sem quaesquer condições hygienicas. Dos novos lyceus que foram mandados construir o do largo do Matadouro é o primeiro que vae ser inaugurado, com a abertura do anno lectivo.



4—Aspecto da sala do Colyseo dos Recreios durante a festa do dia 16, offercida pela empresa ás 4.000 creanças pobres protegidas pelas Juntas de Parochia de Lisboa
(Cliche de BENOITEL)

Madame

O passado, presente e futuro revela-se pela mais celebre chiromante e phisionomista da Europa

Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez, é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancia, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



GRATIS
125 machinas
fallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1919. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **CASA SIMPLEX**

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.

J. CASTELLO BRANCO

Rua do Soccorro, 48
R. de Santo Antão, 32 e 34 **LISBOA**

Agencia de  **VIAGENS**

Ernst George
SUCCESSORES

**VENDA DE BILHETES DE PASSAGEM EM VAPORES E CAMINHOS DE FERRO
PARA TODAS AS PARTES DO MUNDO
SEM AUGMENTO NOS PREÇOS. VIAGENS CIRCULATORIAS A PREÇOS REDUZIDOS
NA FRANÇA, ITALIA, SUISSA, ALLEMANHA, AUSTRIA, ETC.**

**Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

*Viagens baratissimas
á TERRA SANTA*

Rua Bella da Rainha, 8—LISBOA

PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do "Seculo"

LISBOA

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

PHAROL DOS REIS
 PORQUE É O
REI DOS PHAROES

OS MELHORES PHAROES SÃO.

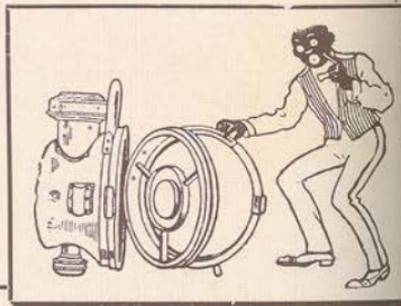
B. R. C. Alpha

Rodrigues Gauthier & C.^a

67, B^o DE CHARONNE—PARIS

Representantes em Milão **BLANC FRÈRES**

17, VIA ARIOSTO



CONCURSO DE 1909

28 premios
EM INSCRIÇÕES

SENDO UM DE
5:000\$000 réis

500 premios em dinheiro

**4:000 PREMIOS REPRESENTADOS
POR OBJECTOS
DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA
A GENTE**

Aviso importante aos concorrentes do Brazil e colonias portuguezas.—Os concorrentes do ultramar e Brazil devem remetter as suas cadernetas de fôrma a darem entrada na administração do *Seculo* de 1 a 13 de dezembro. Para isso é-lhes facultado o direito de poderem

enviar as respectivas cadernetas, contendo apenas os coupons correspondentes aos jornaes publicados desde o inicio do concurso até á data dos ultimos jornaes recebidos.

Sorteio em 20
de dezembro

